LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 23 DE MAIO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 40 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.º
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

A JUNTA REVOLUCIONARIA E O "DIARIO DE LISBOA"

A Junta Revolucionaria fez publicar, nos jornais da manhã de ontem, uma nota oficiosa em que se lança sobre o nosso jornal um clarão de notoriedade que muito nos lisongearia, se não fosse timbre e pratica elegante do «Diario de Lisboa» manter-se na mais apagada modestia.

Costumamos sempre fazer justiça a todos, esforçando-nos mesmo algumas vezes por compreender simpaticamente palavras e actos que outros, sem mais exame, condenam logo. Assim procedemos para com o recente movimento revolucionario que procuramos historiar com toda a verdade que nos permitia o nebuloso da sua genese e eclosão, a falta de informações seguras e a dificuldade de encontrar pessoas que, pela sua participação nos acontecimentos ou pela sciencia dos mesmos, nos dissessem como as coisas se passaram.

E' possivel que, num ou noutro ponto, tenhamos errado, mas sem qualquer preconceito ou má vontade. A simples leitura do nosso relato mostra claramente que nós nos não detivemos a julgar o movimento militar da madrugada de 21 do corrente, mas tão somente tentámos estudá-lo nos seus aspectos e contornos, de maneira que os nossos leitores ficassem percebendo como ele se desenvolvera.

Conseguimos o nosso intento?

Cremos que sim, visto que, até á data em que escrevemos, ainda não cessou a procura do «Diario de Lisboa», como tambem ainda não deixámos de receber cumprimentos de amigos nossos que sabem do escrupulo que preside ao nosso serviço de informação.

Nós não nos inclinamos nem para a direita nem para a esquerda, nem para a reacção nem para a revolução, visto que queremos tanto á nossa Patria que não temos necessidade de a dividir em tribus e hordas, para lhe consagrarmos a perfeita sinceridade da nossa pena humilde.

Sendo assim, para que vem, então, a Junta Revolucionaria apontar-nos como tendo cometido graves inexactidões? Não fizeram os outros jornais o mesmo?

Houve, porventura, da nossa parte proposito de injustiça ou tendencia para agravar?

Que os membros da Junta Revolucionaria, em sua consciencia, falem com franquesa.

Só quem lida na imprensa sabe como é dificil, em dias de revolução, colher noticias rigorosas, pois que escasseiam os elementos não já de historia, mas de simples historiografia—que a outros não aspiram os jornais.

O boato impera soberano, a fantasia exerce-se livremente.

Os jornalistas têm que vencer dezenas de obstaculos, a fim de não serem vitimas de qualquer logro ou mentira.

De resto, para que a Junta Revolucionaria nos pudesse acusar com rasão, seria necessario que ela tivesse facilitado aos jornalistas o conhecimento da sua obra. Ora tal não se deu, atento que a Junta não se dignou publicar um simples manifesto ao povo, para esclarecer este ácerca das suas intenções, nem os seus membros se mostraram mui dispostos a conceder entrevistas.

Porque o não fizeram?

Certamente porque não houve tempo para pensar em tal, carecendo de acudir a negocios mais urgentes.

Mas há ainda um facto que parece devia levar a Junta a refletir um pouco, antes de enviar para os jornais a sua nota oficiosa.

Pois não fomos nós quem nos ultimos dias mais se assinalou, pedindo a demissão do governo e a dissolução do Parlamento?

Como a Junta não significou ao ilustre Chefe do Estado pretender outra coisa, os nossos programas confundem-se.

Caçamos no mesmo terreno, excepto no da Rotunda, visto que o «Diario de Lisboa» implorava do ilustre Chefe do Estado esse duplo golpe de misericordia, ao passo que a Junta entendeu servir-se da força para obter rapidamente o que a persuasão, simples e desataviada, só a muito custo conseguiria.

Do lado de quem estava a razão?

E' demasiado cedo para responder a esta pergunta. O futuro se encarregará de desfazer quaisquer incertezas a tal respeito, reconhecendo, no entanto, nós e desde já que a Junta realisou um acto historico, ao passo que nós, com a nossa prudente dialetica, continuamos a errar fóra de qualquer celebridade, não obstante a sua nota oficiosa que caiu sobre nós como um raio.

Não temos duvida em admitir como absolutamente verdadeiras as cinco «afirmações» que a Junta tornou publicas. Se o «Diario de Lisboa» com o seu relato, mesmo involuntariamente, sugeriu o contrario a alguem, daqui nos penitenciamos. O golpe de Estado que a Junta levou a efeito não teve a colaboração de sidonistas nem de monarquicos. O «Diario de Lisboa», com o melhor agrado, aceita este «suum cuique». A Junta reclama para si responsabilidades que não quer vêr atribuidas a quem as não assumiu. Muito bem: o seu procedimento só merece aplausos.

A'cerca da não intervenção do sr. Liberato Pinto, afigura-se-nos que a nota oficiosa da Junta traduz uma certa confusão. Pois não fomos nós precisamente quem, numa entrevista com o ex-chefe do Estado-maior da G. R., publicada na quinta pagina do «Diario de Lisboa», anunciámos que ele não tomára parte no golpe de Estado?

Dirigindo-se a nota oficiosa da Junta especialmente ao «Diario de Lisboa», e não dizendo nem insinuando nós o contrario da terceira «afirmação» da mesma nota, não se compreende que se cite um nome que não vinha a proposito, porque nós primeiro que ninguem o demos como não participante nos sucessos da madrugada de 21 do corrente.

E levámos a nossa prudencia até ao ponto de não incluir, no numero dos presumidos revolucionarios, um homem que os boatos mais avêssos davam como conluiado com eles. Referimo-nos ao sr. general Gomes da Costa que se manteve exemplarmente quieto. Embora á nossa vista alguem garantisse que o vira marchando para a Rotunda, nós recusámo-nos a acreditar.

E quantas outras balelas nós não pusémos de remissa!

Pena foi que não tivessemos ao nosso lado um dos membros da Junta, pois o ouviriamos cuidadosamente, recolhendo o seu depoimento, como quem apanha um tesouro para a posteridade. Apesar disso, emquanto a nossa pena ia traçando nos quartos de papel a narrativa sucinta de tamanhos eventos, o nosso pensamento quiz sempre ser justo com os homens que tomaram sobre si o pesado encargo de imprimir uma nova direcção á politica portuguesa.

Escrevemos sem paixão nem irritação.

Por isso, ao depararmos nos jornais da manhã de ontem, com a nota oficiosa da Junta, designando o «Diario de Lisboa», entre todos os colegas que dissêram aproximadamente o que ele disse, como menos exacto, esfregámos os olhos para bem ver.

Cedemos, porém, á triste realidade: a Junta indicava-nos á execração das gentes, imaginando que o «Diario de Lisboa» se propusera ser-lhe desagradavel. Esperamos que as honestas explicações que espontaneamente aqui lançamos, a satisfaçam. A lista ministerial que o «Diario de Lisboa» inseriu, posto que não a tomassemos muito a serio, foi-nos dada como assunto arrumado e assente. Ainda nas coisas mais graves e solenes, há notas comicas que se não podem perder, e o leitor dum jornal não é de ferro, necessitando, de vez em quando, desenrugar a fronte e rir de bom humor. A celebre lista pareceu-nos ter este raro merito.

Embora não conheçamos nenhum dos membros da Junta, nunca cairiamos na esparrela de os julgar capazes de executar um golpe de Estado, para logo entregarem o poder a quem prestes teriam de o tirar, atribuindo-o de novo aos que a revolução derrubára. A loucura seria rematada e não se faz uma revolução, sobretudo numa terra como Portugal que tanto tem sofrido por causa delas, para encontrar materia para um intermedio comico.

A Junta Revolucionaria que se diz animada dum raro desinteresse—o que nós acreditamos e muito admiramos—se porventura ainda se mantem vigilante e senhora dos acontecimentos, empregue todos os seus esforços para evitar que, á sua sombra, se façam explorações da credulidade das turbas. Redija um documento menos conciso que a nota oficiosa a que nos vimos referindo e expliquenos o misterio que ainda envolve a madrugada de sabado. Sabe-se já alguma coisa, mas a Junta pode esclarecer-nos por completo. Creia que todos ganharemos com isso: a Junta, a imprensa e o publico. A Verdade gosa da vantagem de ter um só rosto—o que, numa terra de bifrontes como é a nossa, obrigará as criaturas velhacas e enredadoras a suspender o seu fabrico diario de boatos e mentiras.

PROJECTOS...

(Desenho de Teles Machado)

ELA:—...E onde iamos passar a lua de mel?
ELE:—Ouvi dizer que na Italia ha tuneis compridissimos...

SPORTS MAGAZINE

Foot-ball

O Casa Pia Atletico Club, Campeão de Lisboa

Na 2.ª mão da final o «Sporting» e «Atletico» empatam por 1 a 1.

Com uma assistencia escolhida e onde se fez representar em grande numero o sexo feminino, jogou-se ontem no magnifico campo do «Sporting» Club de Portugal» o ultimo desaffo do campeonato, entre os finalistas — «Sporting» e «Atletico».

O jogo

A's 17 horas em ponto, Rogerio dá o sinal de começar e os «teams» alinham-se pela seguinte forma:

Sporting» — Amadeu, Jorge e Garcia; Caetano Ferraz e J. Francisco; Ramos, J. Rodrigues, Perdigão Bernardino e Torres Pereira.

«Atletico — Guerra, Gomes dos Santos e Pinho; Nunes, Oliveira e Gouveia; A. Gralha, Lopes, Rosmaninho, Loureiro e J. Gralha.

Cabe aos leões a saída. Levam a bola até á defesa casapiana, voltando em seguida a ser atacada, porque os leões estão jogando bem e com energia extraordinaria.

Ferraz faz uma passagem a Ramos, que por seu turno passa rapido a Rodrigues, este segura e, com a sua conhecida energia, fura por entre Pinho e Santos; Guerra sai, mas nada pode fazer, Rodrigues marcara a 1.ª e unica bola a favor do seu grupo. Havia apenas 3 minutos de jogo, foi grande a ovação; alguem, a nosso lado, vaticina a victoria do «Sporting» como certa.

Entretanto, a bola vai para o centro, o «Atletico», visivelmente surpreendido, sai, mas perde em seguida o espherico e os leões invadem novamente o campo dos pretos, que se vêem obrigados, por alguns instantes, a concentrarem-se na defesa. Um momento houve em que o «Atletico» teve 10 dos seus 11 dentro dos seus 18 metros, tal era a impetuosidade do ataque dos verde-brancos. Atacantes e defensores eram aplaudidos, porêm o «Sporting» começa a afrouxar e, por seu turno, o «Atletico» aproxima-se da rêde dos leões; Jorge, Garcia e Amadeu tudo aliviam, passando o jôgo a fazer-se ora num, ora noutro campo, no entanto, as avançadas dos pretos são mais rapidas.

Lopes perde algumas ocasiões de marcar; o fim da 1.ª parte aproxima-se, Oliveira faz uma passagem para a frente de Rosmaninho, este corre, Jorge tambem, e dá um forte pontapé na bola, porêm, esta encontra o corpo de Rosmaninho e faz recochete, este alcança-a e aponta forte a um canto; alcançara tambem a 1.ª e unica bola para o seu «team» e com ela a taça e o titulo de «Campeão de Lisboa». Como a do «Sporting», esta bola é tambem muitissimo aplaudida; mais umas jogadas e a 1.ª parte termina por 1 a 1.

Depois de 10 minutos de descanso, o desafio continua. E' agora o «Atletico» que domina, mas não consegue marcar, por falta de remate umas vezes, outras, e em maior numero, porque os leões se defendem como...leões. Mais de 20 minutos se passam, sem que a bola saia do terreno do «Sporting». Isto torna o desafio monotono, mas que fazer, se os nossos jogadores entendem que é dominando que se consegue meter bolas.

O «Sporting» consegue entrar no campo adversario e o jôgo abre mais; aqui deve Oliveira ter visto a vantagem de abrir o jôgo, pois as avançadas dos seus homens foram mais perfeitas e, senão marcaram mais bolas, foi porque as não aproveitaram.

O tempo passa; faltam 10 minutos para terminar. Os leões adquirem a energia do principio e põem em perigo as rêdes do «Atletico». O publico anima-os. Os pretos só por um triz que não vêem as suas rêdes furadas. Devem-no tambem ao mau remate dos avançados leoninos. Ouve-se o apito; termina o desafio e com ele o «Casa-Pia Atletico Club» era «Campeão de Lisboa» de 1920-1921.

Os jogadores

Em conjunto, o «Atletico» jogou peor que no domingo passado, desorientando por vezes; Nunes com a mania de ir para o centro, ia prejudicando muito o seu grupo; Gouveia, incorrecto; Lopes, fraco, e os restantes, bem.

Do «Sporting», na 1.ª parte, todos bem. Na 2.ª, fraquejou toda a linha de ataque e meia defesa, salvo os ultimos 10 minutos; Jorge e Amadeu, superiores em todo o desafio.

O jôgo não foi dos melhores.

Arbitragem de Rogerio Peres, boa e imparcial.

TAÇA MUTILADOS DA GUERRA

Belenenses classificam-se para a final batendo o Carcavelinhos por 6 bolas a 2

Era este desafio tambem esperado com certo interesse. Havia apostas pela derrota dos belenenses e, ao vê-los entrar e alinhar-se, mais se justificaram os que tinham apostado contra eles.

Nos azues, nota-se a falta de Mario Duarte, J. Pereira e Moraes. Artur está na defesa.

O desafio principia sob a arbitragem de Armour. O «Carcavelinhos» inicia uma avançada, passa Azevedo, Artur falha, o guarda-rêde segura, mas por fim mete a bola dentro da sua rêde; havia 32 segundos de jôgo. Bola ao centro. Belenenses, em belos passes curtos e combinação, entraram no campo dos alcantarenses, mas, ao rematar, todos o querem fazer e o resultado é falharem todos e assim continuam durante um bom espaço de tempo. Os alcantarenses conseguem novamente fugir pela esquerda e rematam. O «keeper» dos belenenses, supondo que a bola vai fóra, olha e fica-se parado. A bola bate na trave e entra. Os belenenses tinham, pois, sofrido duas bolas, por culpa absoluta do seu guarda-rêde. Mas, apesar desta desvantagem, os azues não desanimaram e atacam com alma e combinando bem, aproximam-se. J. Rio escapa-se bem e rematando a meia altura, marca superiormente a 1.ª bola.

A forma como marcou esta bola, reabilitou-o do mal que tinha jogado até ali. Em seguida, F. Pereira, que tem tido recargas de valor, segura uma defesa do «Carcavelinhos», avança dois passos e com forte remate rasteiro, mete a 2.ª bola. O «keeper» atira-se para o chão, mas não consegue defender e fica maguado, a ponto de não jogar a 2.ª parte. Estas duas bolas mereceram aos belenenses uma ovação pela forma como foram marcadas. Com este resultado, termina a 1.ª parte.

Começa a 2.ª parte: O «Carcavelinhos», com menos um jogador e os belenenses com Artur no seu devido lugar de meio, defesa e centro, o jôgo modifica-se por completo, apesar do trabalho da defesa alcantarense, que não desanima; os belenenses marcam mais 4 bolas. O desafio termina com a victoria dos belenenses por 6 a 2, ficando assim finalista e esperando que o «Sporting» e «Atletico» lhes dêem o adversario para o desafio final da «Taça Mutilados da Guerra».

Os jogadores

Dos belenenses, todos bem, embora falhassem um pouco no principio da 1.ª parte.

Do «Carcavelinhos», muita energia, mas falta de ligação. O seu melhor homem, foi Filipe.

Arbitragem imparcial:

— No mesmo campo realizou-se a final de quartas categorias, entre «Bemfica» e «Foot-ball Bemfica», ficando este campeão, pois venceu por 2 a 1.

Consta que o capitão do «Bemfica» vai protestar contra a arbitragem, que considera suspeita para o seu «team».

J. L.

Mademoiselle Senglen

Toda a gente sabe que Suzanne Sengleu conseguiu uma popularidade mundial, á força de ganhar desafios sobre desafios, no dificil jogo do *tennis*.

Suzanne Senglen era considerada campeão de França. Há dias, na Croix-latan, jogou contra madame Golding, adversária temivel, e mais uma vez o seu nome vencedor foi aclamado com delirio pela multidão entusiasmada.

Suzanne Senglen, que conserva o seu titulo de campeão de França, é além de *tennista* eximia uma rapariga elegantissima, que veste das melhores casas de Paris, e que consegue dar tom nos bailes e nas *premières* a que assiste.

Tapetes de Arraiolos

Nas velhas casas forradas de damascos, nos palácios antigos em que há mil preciosidades, os tapetes de Arraiolos, os velhos tapetes de côres desbotadas, marcam as predilecções artisticas duma época em que tudo era delicado, suave, aristocrático. Os tapetes de Arraiolos, conservados até hoje por um milagre de amôr, vêem-se ainda de quando em quando, n'algumas casas de Lisboa, pendurados nas paredes como preciosos quadros de bons autores. Mas na sua quási totalidade estes tapetes estão esburacados, a cair aos pedaços, apesar do cuidado com que são escovados e tratados.

Mas em Portugal já há quem saiba restaurar os velhos tapetes. No Porto, há casas que se ocupam exclusivamente da sua restauração. E em Lisboa, a ex.ma sr.ª D. Maria Arantes, por um milagre das suas mãos bem fadadas, já deu a um triste pano de Arraiolos desbotado e rôto, aspecto primeiro, semeando pelo pobre tapete flores de lã, mil pontos tecidos com infinito amôr...

Precioso achado

Em Vaison (França), quando se faziam escavações para a construção dum animatógrafo, descobriu-se sob as primeiras camadas de terra, um aqueduto romano, absolutamente caracterisado.

As autoridades da terra, avisadas do caso, compareceram no local, tendo-se tambem descoberto nas ruinas uma moeda com a efigie do imperador António.

Sarah Bernhardt

Em Madrid acabam de receber com verdadeiro entusiasmo a grande trágica Sara Bernhardt, que ali vai dar uma série de representações. No Ateneu, por iniciativa do poeta Machado, houve uma sessão solene em sua honra, sendo enorme o numero de poetas, artistas e dramaturgos que concorreram.

Falaram em francez, Romanones, presidente do Ateneu, e em espanhol, Azorin, Gomez, Vaquero e o ministro da instrução, que disse ter o rei conferido á grande artista a grã-cruz de Afonso XII.

Sara Bernhardt recebeu tambem o diploma de membro honorário do Ateneu.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 24—Resa-se da Feria, simplex, paramentos verdes. Missa da dominga antecedente sem gloria, 2.ª oração Fidelium, 3.ª oração Acunctins, sem Credo e prefacio comum.

LAUSPERENE—Na Ordem Terceira de S. Francisco, a Jesus.

FESTIVIDADES:—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas. S. Roque, ás 8 1|2, missa.

ORDEM TERCEIRA S. FRANCISCO, A JESUS, ás 9 horas, missa da Paz; ás 18 horas, terço de Benditos, por musica.

MÊS DE MARIA—Nas igrejas onde se faz essa devoção.

MONSERRATE, ás Amoreiras, ás 21 horas, mês de Maria, com exposição do Santissimo, por musica, e cantado por senhoras.

FESTA AO CORPO DE DEUS—Na Sé Patriarcal, a festa do Corpo de Deus (26), ás 12 horas, de pontifical celebrando o rev. conego dr. Anaquim, com assistencia do sr. Cardeal Patriarca, e seguida de procissão dentro do templo, e Te-Deum, dando-se a benção do Santissimo. Todos os parochos das freguesias de Lisboa tomam parte, com respectivas cruzes, com as mangas.

PRIMEIRA COMUNHÃO—Na igreja S. Sebastião da Pedreira, realiza-se na proxima quinta-feira, 26, a primeira comunhão ás crianças, pelas 9 horas da manhã, e crisma e em seguida almoço ás crianças servido pela pastelaria Rosa Araujo.

PAPELARIA PALHARES
141, RUA DO OURO, 143
Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.
TELEFONE 842—LISBOA

JOIAS de bom gosto tem á venda a firma BARRETO & GONÇALVES, L.da (JOALHEIROS) R. Eugenio Santos, 17

Todas as senhoras elegantes COMPRAM MUSICAS NA CASA Valentim de Carvalho Rua da Assunção, 39

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

ARTE & LETRAS

O LOBO E O CÃO

(Adaptação da fabula de La Fontaine — Le loup et le chien)

Numa ocasião,
Um lobo que só tinha a pele e o ôsso
Encontra um cão
Que relativamente era um colosso.

O lobo
Andava farejando presa;
E ao ver tão farto o cão — que é manso e nôbo
Por natureza
Olha-o atento, cheio de apetite.
Mas lá para si mesmo considera
(Embora sempre o fite
Com seu olhar de fera:)

«Medir fôrças com êste, acho imprudente..;
«Eu ando fraco;
«Ele é forte e valente;
«Nada, não o ataco;
«Vou ser cortez.

E diz-lhe então: «Olá, como tu vens
«Gordo e bonito! Vales bem por três
«De teus irmãos; pois entre os cães
Não conheço outro assim!

Vê tu— que contraste! — como eu estou?!...
«Pobre de mim!
De esfomeado, ninguem diz quem sou!

Responde humilde o cão: «Mas, meu senhor!
(O tratamento
Não é favor,
E' dado ás feras por acatamento)
Se quizesse
Renegar os seus habitos brutais,
«Teria tanto ou mais
«Do que apetece...

E, como quem prescruta em si a causa,
Disse depois de uma pequena pausa:
Olhe!
Quem frutos quer
Da terra que os não der
Só pedras colhe!

Porque não deixa a vida de aventura
Em que tão raro encontra o que deseja?
Se quer fartura,
Seja
Um animal
Bom e leal
Nas minhas condições...
Amigo sempre dedicado ao dono
Que lhe defende a casa dos ladrões...
E então verá que tem o que não tinha,
Emquanto andava assim ao abandono
Sopas de pão com ossos de galinha
E o mais tranquilo sono.

«Faça o que eu faço...
Seja guarda fiel contra os ladrões,
«Em condições iguais
«A's minhas condições;
«Venha comigo ser um cão — madraço —
«Que come, e bebe, e dorme, e pouco mais!

«Dac[illegible]do! — exclama a fera — «Eu vou comtigo:
reciso de ter, certo. pão e abrigo.

Mas, de repente,
Quando iam já andando pela estrada,
Olha e pregunta, com indiscreção:

«Tens no pescoço a nuca tão coçada?
«Isso que é? — «Ah! isto... não é nada!...
— Responde o cão —
«fifeitos da coleira e da corrente!...

«Coleira? Qual coleira?! —o outro insiste —

— «Aquela a que me prende o dono quando
«Não lhe convem que eu ande livremente...

— «O quê?! Não andas sempre em liberdade?
«Então, prefiro á tua a minha sorte...
«Misera e triste,
«Mas dispondo de mim sempre á vontade!
«Antes andar sumido como eu ando!
«Antes a fome negra! Antes a morte!

Pedro Barto

A SALOMÉ DOS ANTIGOS

São célebres algumas Salomés florentinas.

Tenho para mim que a cidade do Arno é dos melhores scenários para evocar e compreender Salomé, a saltarina dos sete veios, a desnorteadora dos sete misterios. Quando, no VI seculo, Teodolinda, rainha dos lombardos, cujo patrono era S. João, o tornou tambem padroeiro de Florença, a dôce capital da Toscana ficou sendo uma das cidades do Baptista, e por conseguinte de Salomé, nas mãos da qual, adejantes, o heráldico lirio vermelho, a flor de fogo, a açucena de sangue, não desmereceria.

Florença, onde as mulheres têm no esbelto porte cadencias de bailado, é um viveiro de Salomés, e a sua história está cheia de vinganças e consanguinidades culposas, rivais das que notabilizaram Salomé.

Não foi, de resto, Florença, o Estado que marcou o ouro de certos seres florinos, com a efigie do Precursor, a *lega suggellata del Battista* a que o Dante se referiu? Querem melhor moeda para Salomé dissipar?

Não estranheis que eu misture Salomé com o vil metal. E' certo que Salomé não bailou por dinheiro; mas Aristóbulo, seu segundo marido, mandou cunhar o perfil dela numa moeda da Armenia. Existe, portanto, esse retrato autentico de Salomé; uma Salomé binuba e cansada, já sem os encantos da virgem rubra de Makeros: personificação da lamentavel vitória da feminilidade astuciosa sobre a inteligencia alumiante.

Chama purificadora, a rude eloquencia do Baptista, criada na liberdade do deserto, fulminava a devassidão da côrte de Antipas. Contra essa luz ecoante, levantou-se o ar dos véus, a bafagem dos movimentos de Salomé. Tanto bastou para que a leviandade conculcasse o clarão justiceiro, reduzisse a voz ao silencio, afogasse em sangue a claridade.

Vou citar-vos algumas das Salomés de Florença.

Numa parede da capela Feruzzi, em Santa Cruz, a Salomé de Giotti dedilha brandamente uma lira. Casta, imaterial, lembra um anjo que perdeu as azas. Castanholeando com os dedos as dansas, assemelhava-se como gêmea, na capela Baroncelli, a Salomé de Taddes Gaddi, que está no Louvre, onde tem outra irmã, outro anjo, a loura Salomé de Fra Angelico, dançando de braços erguidos.

Em Santa Maria Novella, o delido fresco de Ghirlandaio recorda a tão gabada Salomé de Filippo Lippi na catedral de Prato. Firmada no calcanhar esquerdo, com longas fitas esvoaçando do ombro, o braço e a perna atirados numa reviravolta, Salomé de Lippi não é a princeza dos mágicos serpcios. Não é mesmo um ser humano. Tem todo o ar dum querubim de Anunciação poisado, por equivoco, sobre o lagedo do triclinio herodiano. E' a Salomé dum enclaustrado, que, despido o hábito, não teve tempo de aprender a olhá-la como homem. Uma Salomé de Ave-Maria.

Já mais mulher é a Salomé que Andrea Pisano delicadamente esculpe nas portas da Basilica de S. João, e melhor ainda a Salomé orgulhosa que Andrea del Sarto pintou no Convento do Descalço.

A todos sobreleva, no Muzeu da Academia, a fugitiva, sósinha, Salomé de Botticelli; o primeiro pintor que a isolou, como se só ela o preocupasse.

Ninguem, como o autor da *Primavera*, nos poderia ter dado, com aérea graça, a dansa duma Salomé libélula: o garbo subtil, a airosidade virginal, de Salomé, a imponderavel. Não o fez infelizmente. Interessava-o mais o depois do crime, a nascença do remorso. Pintou Judit de volta a Betulia, com a espada ainda na mão, seguida pela serva carregada com a cabeça de Holofernes. Pintou Salomé tornando do cárcere açodada, e desvairada de si, nas mãos repulsoras, o prato agourento.

Dominando as ameias duma prisão de tijolo Salomé, aterrada, alucinada, lábios entreabertos, louros cabelos desvairando ao vento, os braços transparecendo nas mangas côr de rosa do esverdeado vestido, tem pressa de se vêr livre do fardo criminoso. Vai, por certo, levá-lo á mãe, mas parece desertar, fugir sem rumo, pedindo á distancia apaziguadora um refrigério.

E' um pequeno quadro este de Botticelli. No entanto, marcou Salomé indelevelmente, dramáticamente, como a marcou a Salomé de Masolino de Paincale em Castighion d'Olona, na Lombardia; a mais extraordinária Salomé dos primitivos, apesar de ser das menos diulgadas. Loura, senhoril, shakespiriana, indo de braços cruzados para o banquete, escoltada por fidalgos e pálida do mau pressentimento que a invade, como se a intimidasse o ter de dansar ou a abstesse a perspectiva de ir sacrificar um inocente.

A dôr de Salomé, porque há um doloroso constrangimento de obrigada, de compelida, no fresco de Masolino, estiliza-se, caudada, entre arcarias e colunelos simples duma Renascença que desponta e já sorri nos festões do friso do alpendre povoado de meninos.

A' esquerda é a mesa do festim, que mais parece a dum sinédrio. A' direita, entre o gesticulante pavor duma das aias e a serena reprovação da outra, Herodias coroada recebe o profanado prato das mãos lividas da filha, toucada agora de flores e ajoelhada, como triunfadora que se penitencia.

De todos os pintores de Salomé, Masolino da Panicale foi talvez o mais namorado. A sua Salomé não é o anjo d'outros artistas do seu tempo. E' uma princeza dolente, hamlética, uma infanta atormentada. O pintor recusou-se a acreditar na maldade dela, a julgá-la culpada. A sua obra é um protesto contra os que a acasam. A absolvição de Salomé. Não o impossivel hino de todo o louvor. mas uma magoada prece, um apêlo ilibante, em favor dessa que, tendo aprendido a dansar por seu deleite, se viu forçada a pôr a sua arte jovial e o nubil arpejo do seu corpo ao serviço impiedoso da abjecção.

Não vêdes que ela não quiz o crime, que a candura não deixou de a assistir?— Soluca o pincel de Masolino.—Que foi mandada. Que a morte a amedrontava. Pobre Salomé das áureas tranças, que nem dansar soubeste nesse dia em que a tua gentileza foi a lamina imortal Tu, que eras a candura! Tu, a inofensiva!

Livraria PORTUGALIA Editora

Gabinete de Leitura

Portuguesa
Francesa e Hespanhola

9.000 obras dos melhores autores

Completa variedade de ROMANCES
Poesia — Historia — Filosofia — Arte — Finanças, etc., etc.

Mensalidade 1$20

Catalogos 1$50

75 — Rua do Carmo — 75

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado
Botões perola, agulhas.
Bordado a pezo e á peça.
Peligas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C.
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Hora suave

Morre o sol na alameda. A nuvem passageira
detem-se, a ver nevar a flôr de ameixieira.

Cada folha que cai, lamina de oiro fôsco,
diz ás aguas baixinho:—Esperai, que eu vou convosco.

A libelinha azul e as môscas multicôres
voam a descansar no coração das flôres.

A tarde, como um afago, a pouco e pouco dece;
nos caniços do lago o zéfiro adormece.

Dum nenufar a flôr, virgem-viuva e casta,
vê com tristeza o sol que a abandona e se afasta.

Surge do fundo da agua uma carpa irisada;
e apenas um momento aflora a flôr maguada

numa caricia breve, inopinada, errática,
logo se afunda e perde entre a floresta aquatica

Deitando além a rede, em pé numa canôa,
o pescador quebrou o espelho da lagôa,

espelho que se estruga em prégas ondeantes
de circulos iguais, que vão morrer distante.

E assim como êle prende em sua rede fina
os peixes de oiro fulvo e prata coralina,

pudesse eu apanhar os meus sonhos dispersos
e na malha os prender da rede dos meus versos!

M. Cardoso Martha

Um emprestimo externo de 50 milhões de "dollars"

Realizou-o o governo português nos Estados-Unidos

Confirma-se a noticia dada há dias pelo *Diário de Lisboa*, da realização de um empréstimo externo, feito ao governo portuguez por banqueiros americanos. A cifra desse empréstimo é de 50 milhões de «dollars».

O sr. António Maria da Silva, abordado por um redactor do nosso jornal, declarou-nos que o empréstimo foi feito nas mesmas condições em que a França realizou há pouco tempo um empréstimo nos Estados Unidos, isto é, sem caução.

Instado para acrescentar algumas palavras a esta rápida informação, o sr. António Maria da Silva concluiu:

—Se ainda fôsse ministro, podia dizer-lhe mais alguma coisa...

Ecos dos acontecimentos

Concentração de tropas no alto da Ajuda

Das 4 ás 10 horas da manhã estiveram acampadas no alto da Ajuda, sob o comando do general sr. Pedroso de Lima, todas as unidades da 1.ª Divisão, sapadores de caminho de ferro, sob o comando do coronel sr. Raul Esteves, 1.º grupo de metralhadoras, grupo de artilharia a cavalo, de Queluz, metralhadoras do Lazareto, comandadas pelo major sr. Azevedo, chefe do gabinete do ministro da guerra demissionário.

Estiveram prontos a reunir ás praças concentradas no Matadouro, o batalhão n.º 2 das Janelas Verdes, e o 1.º grupo de companhias da Administração Militar.

O regresso a quarteis das forças comandadas pelo general Pedroso de Lima

Por ordem do general sr. Pedroso de Lima as praças sob o seu comando regressaram a quarteis pelas 10 horas da manhã. A' mesma hora, retirou tambem, em automovel, o major sr. Azevedo. Nesse automovel seguia, ao lado do «chauffeur», o sr. dr. Jacinto Simões.

CRONICA LITERARIA

O maior pecado da arte de Garrett

Quando mais nada se aproveitasse desta polemica discreta, desta amigavel conversa em que eu e o sr. Avelino de Almeida andamos entretidos, salvar-se-ia pelo menos, a lição de delicadeza e de respeito mutuo que nós estamos dando a todos esses «apaches» do jornalismo que se aglomeram aí, pelas esquinas das gazetas, a preparar assaltos... Dito isto, eu agradeço ao meu ilustre camarada Avelino de Almeida o ensejo que me proporcionou de estabelecer, alguns principios de reduzir a formulas algumas das idéas que dirigem a minha arte, que a orientam, que lhe dão substancia...

Eu tenho o orgulho de afirmar que já mais hesitei numa encruzilhada, que se muito bem o caminho das minhas frases onde elas vão dar, que interpretações podem ter. Devo dizer tambem que a minha mocidade não teme os atalhos, não receia perder-se na montanha. Quando a minha pena se engana, quando toma um caminho errado, eu sei transformar esse erro numa verdade... Eu tenho uma receita para transformar em dogmas todas as minhas duvidas... A minha verdade não é a verdade de todos. A mentira—eu já o disse algures—é a unica verdade dos artistas.

Quando eu escrevi que o maior pecado da Arte de Almeida Garrett fôra nunca ter ido a Paris, eu já sabia o panico que essa frase iria produzir na ala dos namorados da obra de Garrett. Por isso mesmo a escrevi. Eu não tenho frases inuteis, não tenho balas perdidas. Sou bom atirador. Atinjo sempre o meu alvo. Escrevi a frase com tanta consciencia, que, ao afirmar que Almeida Garrett tinha viajado demais na nossa terra, afirmei, a seguir, que o maior pecado da «sua arte», fôra nunca ter ido a Paris... Porque distingui eu? Porque puz Almeida Garrett a viajar na nossa terra, e pôs a «sua arte» a não ir a Paris? Qual a razão dessa «nuance»? Porque em boa verdade, eu não podia afirmar que Almeida Garrett nunca tivesse ido a Paris. Em boa verdade, porque em boa mentira, eu podia sustentar essa afirmação: Almeida Garrett, efectivamente, nunca foi a Paris, quem lá foi frequentes vezes, foi o sr. Almeida...

Mas não. O que eu afirmei, o que eu claramente, gramaticalmente afirmei, foi «que o maior pecado da Arte de Garrett fôra nunca ter ido a Paris...» Analise-se a oração, procure-se o predicado, o sujeito, o complemento, e encontrar-se-há a minha ideia, bem nitida, bem expressa, bem marcada. De resto, este Paris onde a arte de Garrett nunca foi, não é Paris-capital da França, é Paris centro da circunferência da civilisação, é Paris-feira do universo, é Paris-orgão da Barbaria, é Paris estridulo, guizalhante, é Paris-serpentinado mundo...

Eu quiz marcar com a minha frase, frase que eu não retiro, o regionalismo estreito da obra de Garrett, esse regionalismo que eu não aceito em arte. A Arte só tem o dever de ser actual. Nada mais. Não vá julgar o sr. Avelino de Almeida que eu sou contra o nacionalismo em Arte Regionalismo e nacionalismo são duas palavras diferentes. Para se fazer arte nacional, vou repeti-lo mais uma vez, não é necessario falar em Portugal, basta ser actual, basta encontrar a ritmica da Hora, da Hora da raça.

O sr. Avelino de Almeida não concebe a distinção que eu faço entre a arte e o artista, não compreende que o artista viaje sem a sua arte. Não estamos de acordo. Eu conheço artistas que vivem ou viveram em Paris, cuja arte nunca lá esteve. Por vezes, os seus livros passam-se em Paris, a sua arte, porém, está sempre ausente do Boulevard... Entre outros lembram-me agora os nomes de Paul Bourget, de Henry Bordeaux, de Pierre Louys, de Henri de Regnier, de Barbusse, de Gasquet... Entre estes nomes alguns há que eu admiro, porque se a sua arte nunca foi a Paris, não passou a vida, em todo o caso, no vale de Santarem a namorar uma Joaninha de olhos verdes...

Ao contrario, escritores há que sem nunca terem ido a Paris, já lá mandaram, muitas vezes, a sua arte. Antes de lá ir, eu estava nesse numero. A minha pena caminhou sempre sobre o papel como eu caminhei depois sobre o «Boulevard». Eu ouvi Paris, antes de o vêr...

Agora mesmo emquanto escrevo este artigo, a minha arte está por lá, parada em frente ás *vitrines*, em frente á Worth quasi decidida a entrar para comprar uma «robe», aquele robe de crépe marroquino negro, coberta de desenhos bordados a fios de oiro... A minha arte é portuguesa, bem portuguesa, mas veste de Paris... Está no seu direito, creio eu.

O sr. Avelino de Almeida, gloria do jornalismo português, tambem se engana quando me acusa de eu ter passado a Garrett «um atestado de bronco» unicamente porque neguei que a sua arte tivesse estado em Paris. Mas, santo Deus, eu não puz em duvida que ela tivesse viajado por outros paises, pela Inglaterra, pela propria França... A Paris não foi, e ainda bem. Se lá tivesse ido, atarantada, aflita, desorientava-se, perdia-se, deixava-se morrer. Almeida Garrett resistindo ao meio em que viveu, não se mostrou inferior, mostrou-se português, teimosamente português. Eu não tinha teimado tanto. E' que, para mim, em arte, só há uma patria que eu não sei renegar: a patria da Beleza... Não me assusta a responsabilidade que o sr. Avelino de Almeida quere lançar sobre os meus ombros, insinuando que fui eu a primeira pessoa em Portugal que ousou duvidar do valor de Garrett. Não duvidei. Se duvidasse, só teria de orgulhar-me de ter sido a primeira pessoa a atrever-se a tal... A primeira pessoa é a preocupação maxima de todo o verdadeiro artista...

Para terminar, devo confessar ao sr. Avelino de Almeida que eu só vim á estacada, para sublinhar uma intenção, para pôr os pontos nos *ii*. Não me apoquentou nada que o sr. Avelino de Almeida procurasse deduzir duma frase tão clara, a minha ignorancia da biografia de Garrett que sei como quem sabe a historia da Carochinha, á força de a ouvir contar á força de ma obrigarem a lêr. Se a desconhecesse não perdia nada com isso. A vida do artista é a sua arte. Arreliava-me muito mais que alguem pudesse supôr que eu ignorava o ultimo dito de Tristan Bernard num ensaio geral do teatro Michel... Não quero insinuar o meu despreso por Almeida Garrett. Eu tenho uma grande admiração pela arte deste escritor. Os seus coletes são frases que eu cito frequentemente. Os seus postiços são obras que não esquecem.

Eu não estranho a má interpretação que o sr. Avelino de Almeida, não obstante o seu alto criterio, deu ás minhas palavras. E' que a minha Arte tem muitos alçapões. Eu escrevo sempre com um fundo falso. A minha Arte é um baú de ilusionista. Eu proprio fico surpreendido com o que ela ás vezes me revela. Um prestidigitador habil, como o sr. Avelino de Almeida, pode arrancar á minha Arte o que quizer: lenços de côr, pombas, laranjas, patos, bandeiras, tigres... Pode arrancar mesmo alguma gata... Um gato, porém, jámais lhe arrancará...

Antonio Ferro

O sr. ministro do Japão

entregou hoje ás suas credenciais ao sr. Presidente da Republica

A' hora de fecharmos o nosso jornal, está entregando as suas credenciais ao sr. presidente da Republica o novo ministro do Japão em Lisboa. Entre o chefe do Estado portuguez e o representante do Imperio japonez trocaram-se palavras de amizade, decorrendo a entrega de credenciais com o cerimonial do estilo. Uma força da guarda a cavalo acompanhou a carruagem do novo ministro ao Palácio de Belem.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as srs.:

D. Laura Ferreira Pinto Basto Figueira Freire da Camara, D. Maria José Trigoso Revara, D. Ernestina Manuela Pressler Aranha, D. Leopoldina Amelia Cardoso e Lemos Carvalho de Aguiar, e D. Izabel de Albuquerque de Melo Pereira e Caceres.

E os srs.:

D. José de Serpa Pimentel, D. Vasco Antonio de Figueiredo Cabral da Camara, Joaquim Firmino da Cunha Reis, João Marcelino de Azevedo, Mario de Almeida Fernandes Nogueira e José Ignacio de Saldanha da Gama de Miranda e Vasconcelos.

Casamentos

Como noticiámos, realisou-se ontem na capela particular do Palacio dos duques de Loulé, o casamento da sr.ª D. Constança Berquó de Mendoça (Loulé), gentil filha da sr.ª D. Ana de Jesus Maria Mendoça (Loulé) e do sr. João Maria da Camara Berquó, com o sr. José Pedro Bastos Feyo Folque, filho da sr.ª D. Maria Joana Avelar de Bastos Feyo Folque e do sr. Alberto Carlos Feyo Folque, já falecidos.

Serviram de madrinhas as tias da noiva, sr.as marquesa de Borba, que se fez representar por sua filha a sr.ª D. Maria Domingas de Portugal de Sousa Coutinho Ribeiro da Silva e D. Maria Domingas de Mendoça (Loulé), e de padrinhos os srs. condes de Nova Gôa, tio do noivo e Henrique de Paiva Couceiro, que se fez representar pelo sr. D. Ruy Zarco da Camara (Ribeira Grande).

Celebrou o acto o reverendo prior de Santa Maria de Belem, monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Sua Santidade o Papa Bento XV enviou aos noivos a sua benção.

Findo o acto religioso foi servido na sala de jantar um finissimo «lunch» fornecido pela acreditada «Patisserie Benard».

Os noivos seguiram depois para a quinta das Fontainhas, em Setubal, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Nos salões

No sabado, a sr.ª D. Maria Coelho de Lacerda Fernandes de Aguiar e seu marido o sr. João Fernandes de Aguiar, ofereceram na sua elegante residencia á avenida Casal Ribeiro, uma esplendida «soirée» que decorreu animadissima tendo-se dançado até perto das quatro horas da madrugada.

Antes de dar começo á dança fizeram-se ouvir as sr.as D. Palmira Baptista Mendes e «mademoiselle» Raugel Baptista, que executaram ao piano tres hos, e os srs. D. Alberto Bramão e Armando Fernandes de Aguiar, que recitaram com muita proficiencia algumas poesias em português e francês, João Daniel Wagner tocou guitarra acompanhado pelo sr. Alberto Fernandes de Aguiar, que tambem se fez ouvir cantando com muita arte os trechos «Cielo e mar» da «Gioconda» e a aria «Paradiso» da «Africana» todos os distintos amadores foram aplaudidissimos pelos numerosos convidados.

Pela meia noite e meia hora foram servidos os gelados e pelas duas horas uma finissima ceia, fornecida pela acreditada «Patisserie Benard».

Os ilustres donos da casa e seus filhos foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados.

—Ontem a sr.ª D. Palmira da Costa e Silva e seu marido o sr. Pedro José da Silva, ofereceram na sua magnifica residencia «quinta da Bela Vista», ao Rego, uma explendida «soirée» a fim de festejar o aniversario natalicio de sua filha a sr.ª D. Maria Julieta da Costa e Silva de Neves Ferreira, esposa do sr. Luiz de Brissac de Neves Farreira.

Antes de dar começo ao baile a sr.ª D. Adelaide Lima Cruz fez-se ouvir em alguns trechos de opera, aos quais imprimiu um enorme colorido, dando assim ocasião a que todos pudessem apreciar a sua bela voz, tendo a selecta assistencia aplaudido ao terminar com verdadeiro entusiasmo. Depois da ceia a sr.ª D. Suzana Garcia Sagastume de La Cuesta, recitou magistralmente algumas poesias em francês e espanhol, e o sr. capitão Humberto Luna, disse alguns versos e fez uma engraçada imitação de varios tipos estrangeiros a recitarem em português tendo a assistencia aplaudido tanto um como outro com grande entusiasmo.

Pelas duas horas foi servida, na magestosa casa de jantar da residencia, toda em talha, uma finissima ceia, fornecida pela acreditada «patisserie Benard».

A dança, ao som de um eximio sexteto, prolongou-se até perto das cinco horas da madrugada, hora a que começaram retirando os convidados, extremamente encantados com os deliciosos momentos que os ilustres donos da casa, sua filha e genro lhes proporcionaram.

Devido á falta de espaço com que lutamos, daremos ámanhã a nota da assistencia.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «élite» dá ámanhã «rendez-vous» de tarde na tradicional «matinée» do Cinema Condes e á noite na recita da moda do teatro da Trindade e na «soirée» da moda do Chiado Terrasse.

Em viagem

Para a sua quinta das Lapas, perto de Torres Vedras, partem brevemente, acompanhados de suas gentis filhas, os srs. condes de Tarouca.

—Esteve em Lisboa, tendo já regressado á sua casa na Figueira da Foz, o sr. Alfredo Ferreira Pinto Basto.

—Vindo de Coimbra, encontra-se em Lisboa o sr. Luiz Vieira de Castro.

—Para Espanha, parte ámanhã o sr. Boaventura Mendes de Almeida.

—Está em Lisboa o sr. conde de Fornos de Algodres.

—Vindo do Porto encontra-se em Lisboa o sr. Jacinto de Magalhães.

—Está em Lisboa, vindo de Condeixa, o sr. Henrique Paulo Rollin.

A CIDADE

OS ACONTECIMENTOS POLITICOS E MILITARES

AS TROPAS QUE DURANTE A NOITE ACAMPARAM NA ROTUNDA E AQUELAS QUE SE TINHAM CONCENTRADO NO MATADOURO RECOLHERAM DE MANHÃ A QUARTEIS

A cidade tem um aspecto quasi normal

O que se passou durante o dia para a solução da crise politica

A REVOLTA

Do quartel do Matadouro á Rotunda

No Parque Eduardo VII encontram-se as forças da G. N. R. fieis á Constituição

Durante a noite de ontem, que decorreu tranquilamente, isto é, sem se ter disparado um tiro, produziram-se novos acontecimentos de ordem militar, com o mesmo caracter daqueles que se tinham dado na vespera.

Quando tudo deixava prever que o incidente estaria solucionado, soube-se que a bataria de artilharia de Belem saíra do quartel, a caminho do Parque Eduardo VII, onde se pensava fazer nova concentração das forças que na noite de sexta-feira para sabado ali acamparam, sob o comando do major sr. Gilberto Mota.

O comandante geral da G. N. R., ao ter conhecimento do que se passava, mandou, por sua vez, concentrar na Rotunda as unidades que se conservavam fieis á Constituição, a fim de manter a ordem, se porventura fôsse alterada.

No quartel do Matadouro concentram-se varias unidades revoltadas

Os revoltosos concentraram-se, então, no quartel da guarda do Matadouro, onde está aquartelada a companhia de obuses, do comando do capitão sr. Magalhães. A companhia de metralhadoras da Graça, sob o comando do capitão sr. Pires Monteiro, voltou a reunir-se ás unidades revoltadas, tendo acudido tambem ao chamamento uma companhia de infantaria da guarda, aquartelada na Ajuda, comandada por um sargento, visto que os oficiais se foram apresentar no quartel do Carmo. Estiveram tambem no Matadouro a companhia de trem e o esquadrão de Braço de Prata, este ultimo por engano, pois recebeu ordem telefónica do comando geral para se juntar aos revoltosos. Quem tinha dado essa ordem? O sr. coronel Vitoriano José Cesar não tinha sido, certamente, pois transmitira ao sub-chefe do estado maior ordens tendentes a fazer seguir para o Parque Eduardo VII o esquadrão de Braço de Prata...

Ignorava-se qual era o objectivo das unidades militares concentradas no quartel do Matadouro, continuando a afirmar-se que queriam um governo livremente escolhido pelo sr. Presidente da Republica, fazendo, no entanto, algumas imposições.

A avaliar pelas unidades que ali estiveram durante a noite, o numero dos revoltosos era reduzido, não devendo ultrapassar um total de mil homens.

Parece que se trata ainda de um equivoco, que não levará muito tempo a desfazer

Ao mesmo tempo que os revoltosos se concentravam no Matadouro, o comando geral da guarda fazia avançar sobre o Parque Eduardo VII quasi toda a infantaria, artilharia, metralhadoras e o esquadrão de Alcantara, entregando o comando das forças fieis á Constituição ao major sr. Henrique de Melo, comandante do quartel de Campolide, o mesmo que na vespera pedira a demissão por motivo do incidente com o sr. Machado Santos.

As tropas do Matadouro enviaram parlamentares ao major Melo, a fim de poderem acampar nos terrenos do Parque, o que não lhe foi permitido. A's 6 horas da manhã foram apresentar-se ao quartel do Carmo, vindos do Matadouro, os srs. capitão Tribolet e alferes Boavida, que declaram tratar-se de um equivoco, que não levaria muito tempo a desfazer. O comandante geral da G. N. R. tomou-lhes a declaração, tendo-se eles retirado em seguida.

Algum tempo depois, voltou o sr. capitão Tribolet, na companhia dos majores srs. Gilberto Mota e Henrique de Melo, comandantes das duas facções contrarias, procurando conferenciar com o coronel sr. Vitoriano José Cesar. Depois de uma demorada conferencia no gabinete do comandante, onde parece que tudo se esclareceu, desfazendo-se o equivoco, foram dadas ordens pelo telefone para que as tropas do Parque recolhessem a quarteis, visto que os revoltosos iam retirar igualmente do Matadouro.

A essa hora, já se tinham juntado ás forças do comando do major sr. Gilberto Mota três companhias de infantaria do 1.º batalhão, o 3.º batalhão de infantaria da Graça e o esquadrão do Cabeço de Bola. A artilharia de Belem era comandada pelo capitão sr. Borges e a companhia de infantaria da Ajuda pelo sargento Marmelada.

Cêrca das 9 horas da manhã, a cidade movimentou-se de tropas, que recolhiam aos respectivos aquartelamentos, o que veiu sobresaltar a população, originando novos boatos alarmantes, que durante o dia não se confirmaram.

* * *

O major sr. Cortez dos Santos, subchefe do estado maior da G. N. R., foi mandado recolher sob prisão ao seu gabinete, de onde saiu em liberdade ao nascer do sol. O sol, quando nasce, é para todos...

Parece que o motivo da prisão se filia no facto de ordenar que algumas unidades seguissem para o Matadouro, quando recebera ordens em contrario.

* * *

Pelas duas horas da tarde todas as tropas haviam já regressado a quarteis.

Hora incerta

Desde a madrugada de sábado, Lisboa, e para além dela todo o Paiz, vive na maior das inquietações, sentindo que alguma coisa de profundamente grave se passa, sem que possa saber como tranquilisar-se.

Apesar dos sobresaltos que há mais de uma dezena de anos constantemente nos impedem de bem dormir, os sucessos que se vêm desenrolando, com uma lógica dificil de seguir e prever, criaram nos espiritos tantas e tais apreensões que podemos chamar febril ao momento em que nos achamos.

O facto de ficarmos sem governo, emquanto o movimento revolucionário, numa acalmia aparente, aguardava o solene cumprimento das promessas que lhe foram feitas, deu azo a que se esboçasse um largo panorama de tropas, estacionando ou marchando para objectivos e rumos desconhecidos.

Ignoramos se este terrivel estado se prolongará por muito tempo, visto que só um governo dos que governam com autoridade, força e prestigio, nos ajudará a vencer mais esta provação. Não sabemos se ele está já organizado ou em vias de organizar-se. Toda a demora, porém, seja qual fôr a sua causa, será de consequencias funestissimas.

A voz da revolução faz-se ouvir rápida como o relampago e terminante como o raio. Urge que a compreendam e lhe obedeçam, a não ser que qualquer ordem do destino a isso se oponha.

Porque não aconteceu agora assim?

Porque é que logo no sábado se não formou o governo?

A Junta Revolucionária não apresentou ao ilustre chefe do Estado nenhuma lista ministerial, querendo significar com esta isenção, segundo diz, que punha de banda o interesse dos partidos, para só traduzir as aspirações da Nação. No entanto, até á hora em que escrevemos, nada de novo. Portugal deriva á mercê de acontecimentos que é quási impossivel entender no seu verdadeiro significado, faltando uma mão e um pensamento que os domine.

Vamos para a desordem, que alguns elementos irreflectidos desejariam implantar?

Não acreditamos. Portugal não é terra que se deixe subverter com facilidade. A prova disso está na extraordinária resistencia que vem mostrando, desde a implantação da Republica, pois que nunca se deixou perturbar ou ofuscar no seu magnifico instinto de vida.

O espectáculo que o Mexico tem oferecido ao mundo ninguem o presenceará, entre nós.

As divergencias que porventura se acusem no exercito portuguez hão de ceder, perante a perspectiva dum quadro de anarquia. Os nossos soldados possuem vivo o sentimento do amôr da Pátria, e porque assim é, nós esperamos que, dentro de pouco, se acalmem as impaciencias e se desfaçam as confusões, voltando a paz ao seio da familia portugueza.

EM BELEM

As forças contra-revolucionarias

O seu efectivo — Quem as comanda — Na parada do quartel de infantaria 1

Subimos vagorosamente a calçada da Ajuda. Pelas janelas mulheres e crianças, curiosamente olham quem passa; ás portas das lojas grupos de populares discutem animadamente os ultimos acontecimentos. O primeiro quartel que se nos depara é o da guarda republicana, onde está aquartelada a bateria de artilharia deste corpo. Está fortemente guardado. Os soldados equipados e armados têm um ar grave, um ar de circunstancia. Subimos ainda. Agora é o quartel de cavalaria 2. O mesmo aparato; sentinelas dobradas; oficiais pressurosos perpassam entre continencias. Por ultimo chegamos ao quartel de infantaria 1. A sentinela tolhe-nos o passo.

—Queremos falar ao oficial de dia—dizemos. Entramos. Um galuchito acompanha-nos e ante as nossas perguntas descuidadamente vai respondendo. Ah! se ele soubesse como as suas informações são preciosas para um jornalista que toda a manhã andou perigrinando em vão por todos os «fronts» revolucionarios!

—Quantos homens aqui estão?

—Uns mil e quatrocentos..

—E as metralhadoras do Lazareto?

—Chegaram ontem. São quinze metralhadoras pesadas e doze leves.

—Há entusiasmo?

—Isto é uma luta de politicos.

E' um belo comentario. Adiante.

Na parada do quartel, vêem-se caixas de munições, camions, armas ensarilhadas; tudo pronto para o primeiro sinal.

Perguntamos ainda:

—Está cá o general Pedroso de Lima?

—Esteve esta manhã; depois retirou-se.

—E o sr. Alvaro de Castro?

—Esse veio ontem, mas não voltou hoje.

—As tropas estão todas a favor do sr. dr. Bernardino Machado?

—Assim parece... Nós fazemos o que os nossos oficiais mandam.

E como lhe fizemos notar o perigo que havia da proximidade dos quarteis da G. N. R. o nosso galuchito, responde-nos:

—Mas eles estão ao nosso lado. Todas as tropas que se encontram nesta area, são solidarias com o nosso general, o sr. Pedroso de Lima.

Pela parada os recrutas marcham e contra-marcham; ouvem-se toques de cornetas, oficiais passam.

A vida do quartel decorre sem sobresaltos, sem pressas. Como o oficial de dia estivesse almoçando, um sargento atende-nos. Ele pouco sabe. No entanto, informa-nos que estão de prevenção simples, prontos para sair á primeira voz.

O galuchito acompanha-nos até á porta do quartel e aí despedindo-se diz: Por agora está tudo socegado. Resta saber se logo á noite, poderemos dizer a mesma coisa.

PROVINCIAS

Em Coimbra

O sr. dr. Eugenio de Castro é nomeado director da Faculdade de Letras

COIMBRA, 22—O sr. dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, que abandonou o lugar de reitor da Universidade, cargo que estava a exercer interinamente, não obstante ter sido já publicado o decreto que o nomeava efectivo e do qual não tomou posse, tambem pediu a sua demissão de director da Faculdade de Letras. O conselho desta Faculdade reuniu hoje, pelas 16 horas, nomeando o sr. dr. Eugenio de Castro para director. Como s. ex.ª estivesse exercendo o lugar de secretario da Faculdade, passou para este o sr. dr. Joaquim de Carvalho.

Descaminho de açucar

O inspector da policia, em virtude das averiguações a que procedeu ontem sobre o descaminho de açucar consignado á junta de freguesia da Varzea de Goes, averiguou que o autor dessa proeza havia sido o secretario da mesma junta, Roque dos Reis Branco, que não só o vendeu, mas ainda burlou os compradores, pois recebeu adiantamente o dinheiro da venda de 6 sacas e só cedia 4 a cada um. Ha outras personalidades envolvidas no caso, mas sobre os seus nomes a policia mantem ainda reserva.

Caminho de ferro de Arganil

Em virtude da actual situação politica, foi adiada a ida a Lisboa dos representantes das forças vivas da cidade, para entregarem no parlamento a representação em que se pedia o prolongamento da linha ferrea de Arganil.

Viação electrica

Nos quatro dias da romaria do Espirito Santo, os electricos renderam 4:622$80.

No Carregado

Um boato sobre a estação Telegrafo-Postal

Carregado, 22

Corre aqui com muita insistencia e está já sendo desfavoravelmente comentado, o boato de que a Estação Telegrafo-Postal desta localidade vai dentro em breve passar a Telefono-Postal, ficando os seus serviços entregues a qualquer pessoa daqui. Parece fazer-se isto a titulo de economias. Francamente chega a parecer que não devemos acreditar em semelhante boato, e demais se tomarmos em linha de conta que Carregado sendo terra pequena, é um grande centro comercial e industrial, e que serve muitas localidades visinhas.

Sendo de todos conhecido, que os serviços do telefone são muito bons mas preciso é antes aperfeiçoal-os de modo a não estarmos 4 e 5 horas a pedir comunicações e responderem-nos constantemente, que está interrompido, etc., devemos dizer que darem-nos o telefone para serviço de telegrafo, é o mesmo que nada nos darem, pois o resultado é o mesmo, visto que, se o telefone fala, está ligado para onde não querem, e nunca mais nos atendem como tem acontecido tartas vezes, e se fazem logo a ligação já sabemos que ha avaria na linha que pretendemos; dezenas de vezes isto nos tem acontecido e por isso falamos com conhecimento de causa. Convencido estámos de que o povo daqui não ficará quedo perante tal facto, se a facto o boato agora espalhado, chegar. Emquanto as diversas repartições do Estado estão pejadas de empregados que nada fazem, cheias de dactilografas, que nada mais fazem do que receber o ordenado no fim do mês, retiram-se Estações Telegrafo-Postaais, de localidades como o Carregado, para economisar dinheiro, segundo dizem.

E' assim que os republicanos querem que o povo do campo ame a Republica. Mau processo este, visto que os nossos governantes só conseguem meio magnifico para a propaganda monarquica. Não largaremos mão do assunto, pois nada mais injusto do que o que se pretende fazer.

Em Vagos

As festas do Espirito Santo

VAGOS, 22—Terminaram as festas do Espirito Santo, que este ano deixaram muito a desejar. Pouca gente e a vespera muito desagradavel, devido ao muito vento. Houve três musicas, sendo uma particular, na qual muito se salientou o maestro Berardo Camelo. Na terça-feira houve a despedida do costume aos forasteiros de Cantanhede, que são quem mais concorre para esta festa. Esta decorreu sem novidade pois não houve incidente algum desagradavel.

Em Felgueiras

Contra um magistrado

FELGUEIRAS, 22—Está o juiz de direito desta comarca publicamente intimado pelo semanario local «Defesa de Felgueiras» a transferir-se. E na verdade as acusações que lhe faz são fulminantes. Acusam-no de haver vendido o lugar de perito de desempate nas louvações e vistorias judiciais e portanto, provada a venalidade do magistrado, intimam-no a sair. Mas ele não está resolvido, ao que parece, a fazê-lo. Apenas mudou de hotel e nem sequer se sindica. A voz geral é de que as acusações são verdadeiras, dando-se em desconto a pobreza do magistrado, que é o sr. dr. Antonio Alves Pires.

Caminho de ferro de Penafiel

As Camaras Municipais de Felgueiras, Louzada e Penafiel, que haviam assentado em municipalizar o caminho de ferro de Penafiel á Lixa, desistiram de o fazer por falta de recursos. E' a maior vergonha que pode dar-se dentro dum país: existir um caminho de ferro que atravessa uma das mais ricas regiões do país e perdê-lo por não o saber aproveitar. E' uma prova de inepcia que bem define um povo!

Em Moncorvo

Um espectaculo no Asilo Meireles

Moncorvo, 22

Com uma assistencia numerosa e escolhida realisou-se no dia 12, á noite, no Asilo Meireles, desta vila, um interessante espectaculo em que tomaram parte todas as asiladas.

O programa composto de varias comedias, monologos, poesias, quadros alegoricos e danças, deixou pelo correcto desempenho das crianças, as mais agradaveis impressões no espirito de todos. Agradecemos a honra do convite.

Cedulas de 1, 2 e 4 centavos

A Camara deste Concelho mandou emitir cedulas do valor de 1, 2 e 4 centavos, respectivamente em fundo verde, rosa e azul, nas quais se destacam á direita as armas da vila e á esquerda a nossa bela igreja Matriz, tendo gravado no verso o antigo pulpito da Misericordia, obra de arte que a acção destruidora do garotio, conserva bastante estragada. As cedulas vieram facilitar os trocos.

Uma doença no gado

Ha mais de um mês que os creadores de gado se dirigiram ao Governador Civil do distrito pedindo para lhes mandarem aqui um veterinario estudar a doença que então grassava especialmente no gado lanigero.

O veterinario, sr. Mendes Pereira, só ha dias aqui esteve, mas depois de constatar que a doença era a febre carbunculosa, aconselhou os creadores a fazer uma representação para que o governo lhes mande um tecnico a tratar do assunto.

A chuva

Chegou finalmente a almejado chuva que vaio ainda salvar muito coisa.

OURO compra por alto preço "A Realidade,, Rua Eugenio Santos, 44

TEATROS

Reclamos

S. LUIZ—Realisa esta noite, como temos noticiado, a sua festa artistica o distinto tenor Sales Ribeiro, com a «reprise», em recita unica, da lindissima opereta portugueza «A leiteira de Entre-Arroios», de Penha Coutinho, com musica do inspirado maestro Filipe Duarte. Compõe o grande espectaculo um acto de variedades, em que tomam parte os notaveis artistas D. Maria Matos, que dirá «Estudantes», versos de André Godim, e «Uma carta», de Julio Dantas; D. Manuela Pinto Basto, que cantará uma romanza da «Tosca» e o dueto final da «Madame Butterfly» com Sales Ribeiro; D. Berta de Bivar, que recitará «Contraste», versos de Acacio de Paiva; D. Ausenda de Oliveira. «Canções»; D. Aldina de Sousa, a romanza «Aprile e Foriero», da opera «Samsão e Dalila»; Armando Saraiva, o prologo dos «Palhaços», e pelo homenageado «O sonho», da «Manon». As apresentações serão feitas pelo actor Alfredo de Sousa. Os acompanhamentos são feitos pela orquestra do teatro, sob a habil batuta do maestro Luiz Gomes.

AVENIDA—As recitas de Palmira Bastos estão sendo a grandiosa atracção teatral da actualidade. Ali, ao elegante teatro, a admirar e aplaudir a sua artista querida, afluem as mais distintas familias, apreciando a brilhantissima criação de «Margarida Gauthier», na sentimental peça de Dumas, filho, «A Dama das Camelias».

TRINDADE—O «Pescador de Perolas» continua a interessar vivamente o publico, com as suas espirituosas scenas, requintadamente parisienses, rescendendo arte e galantaria.

APOLO—O domingo levou hontem a este teatro uma enchente nunca vista, tendo-se esgotado os bilhetes para ver a primorosa fantasia regional do norte «Porto, tantos de tal», dos ilustres comediographos portuenses srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

SALÃO FOZ—Mais duas sessões e, portanto, mais duas enchentes, hoje, com a linda revista «Trólaró», o espectaculo preferido pela gente de bom gosto.

COLISEU DOS RECREIOS—E' hoje a ultima segunda-feira do extraordinario Great Carmo, a ultima «soirée» da moda em que se apresenta á sociedade elegante o mais celebre ilusionista que percorre o mundo. Carmo deixará Lisboa sem que os seus metodos e processos de conseguir o inverosimil tenham sido descobertos, tão grande é o misterio que envolve todo o seu admiravel trabalho.

GIMNASIO—Está causando verdadeira sensação no publico o belo e empolgante original do ilustre escritor Jaime Cortezão. Intitula-se a peça «Adão e Eva» e o seu entrecho é dos que, até final, não deixa prever o desenlace.

POLITEAMA—O «Amor de apaches» é uma das mais interessantes e alegres opereta que ultimamente se teem representado e toda a companhia Satanella-Amarante lhe dispensa um desempenho soberbissimo.

CARTAZ

Nacional—A's 21-15, «Simonne».
S. Luis—A's 21, «A leiteira de Entre-Arroios». Variedades.
Trindade—A's 21, «O Pescador de perolas».
Gimnasio—A's 21-30, «Adão e Eva».
Apolo—A's 21,30, «Porto, tantos de tal...»
Avenida—A's 21, «A Dama das Camelias».
Politeama—A's 21-15, «Amor de apache».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».
Coliseu dos Recreios—A's 21,15, Companhia Great Carmo.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

Acaba de publicar-se:
O Livro de Amor de João de Deus
A obra suprema do grande lirico
A' venda nas principais livrarias
Pedidos á
SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL
RUA GARRETT—LISBOA

Serração e estancia de Madeiras
Executam-se com rapidez e perfeição todos os trabalhos para Carpintaria e Marcenaria
Venda de Madeiras aos mais baixos preços
RUA DA JUNQUEIRA, 200
C. B. ANÃO L.da

Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, L.da
CAPITAL 100:000$00
SEDE — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone 5351 C. — LISBOA
SUCURSAL EM LISBOA—(Exposições e Vendas), Rua Aurea, 146, 1.º
Secção de Livraria — Concessionaria das Bibliotecas nos Caminhos de Ferro do país. Representante dos principais editores europeus e americanos. = *Secção de Publicações* — Proprietaria das MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE, assinaturas e venda de toda a qualidade de jornais e figurinos de alta moda. Envios para a provincia. = *Secção de Telegrafia* — Proprietaria das Agencias Telegraficas, RADIO e UNITED PRESS.=*Secção de Publicidade*—Anuncios, eclames e propaganda artistica nos jornais portugueses e estrangeiros. = *Secção Comercial*—Concessionaria da Fabrica de Lampadas Electricas HERCULES, do Porto—Ampolas para laboratorios, importação e exportação.

N.º 5 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 23-5-921

Português dos velhos tempos

Novela por Aquilino Ribeiro

E ao branquear, o mato tingia-se, vermelho, amarelo, roxo, consoante, que já chegára a primavera. O caminho corria sempre deserto, mal calcado das rodeiras, sempre adiante de nós e eu ia tão satisfeito da sorte, que até dos penedos redondos, que nos iam ficando á desbanda, sentia ganas de salvar. Ela não, lá ia na salamurda, ora gemendo e chorando, olhos fechados ao abril, ouvidos tapados aos passaros de pulpito numa pernadinha de orgueira a erguer a ladainha a Dues!

—Porque choras, menina?—preguntei ao cabo de muita paciencia.

—Choro o meu triste fado.

—Outras o têm peor.

—Que peor?... Nunca te supuz tão desumano...

—Outros o são mais do que eu.

—Quem? Nem os matadores dos caminhos... Porque me não tiras a vida?... Tira-ma, perdôo-te a morte!

E porque torna porque deixa, a rapariguinha foi adiantando-se no palavreado, até que tive de lhe mandar calar a caixa com mau modo. Ao descer para Mondim, encontramo-nos com a Mulata oveira, que vinha da cidade.

—E's tu?—exclamou ela—Voltou para traz Antonio, que caminhas á perdição. Teu tio Agostinho já lá vai estrada fóra, mais os capangas dos maçanzeiros, armados até os dentes. Vão-te no encalço...

—Essa é boa! Quem diria a meu tio que cortamos desta banda? .

—Deram conta e meteram para aqui ao palpite. Fazem-te norumo da Penajoia.

—E não se enganaram.

—!

—Mas meu tio estava para a Bezelga...

—Tu a saires e ele a entrar. Se te pilha, esfola-te vivo. Pois tu roubas-lhe a moça, a ele, teu tio, teu segundo pai? Carrasco, não pode ser ajudado de Deus!

—Onde se cruzou com eles, santinha?

—Na Granja Nova. Olha, sabes que mais, a Brizida que torne comigo e tudo póde ficar em aguas de bacalhau.

—Qual, para a frente é que é o caminho... Saudinha!

—O anjo da guarda te acompanhe... eu cá não dava mais um passo...

E, dando de espora ao machito, larguei nas bochechas aparvodadas da Mulata oveira, uma pobre de Cristo, em nada e por nada má mulher.

A' ponte da Dalvares havia dois caminhos: um directo, estrada real fóra, pelo Castanheiro do Ouro; o outro pela Ucanha e Góuviães, ambas com passagem por Lamego. Este oferecia a vantagem de desviar-se de Britiande, onde o tio Agostinho, não me sentindo pista, poderia ter feito alto e reunir a si o abade. Mas perdia umas boas horas, e com a moça que era gorducha e eu que não era estopa, talvez o machinho não aguentasse o estirar todo até a Penajoia. Boa rota deixára ao sair de Barrelas, Pendilhe, Meijinhos, Penude, serra, sempre serra, mas quê, não tocava em nenhum Adomingueiros.

Obra de cem passos da Ponte da Dalvares levei na incerteza; chegado á primeira guarda, ora, animei-me e meti afoito pela estrada, como se comigo não carregasse contrabando de tanto vulto. O que fosse soaria, a cachopa já era mais minha que de ninguem, e, quanto a morrer, a gente só morre quando chega a data, assente no livro de Deus.

Pelo macadame, mulheres descalças levavam á cabeça a canastrinha do negocio; burros carreados de carqueja para a cidade tropicavam; cavaleiros todos farofias que não nos davam a salvação desapareciam; rebanhos lá iam numa nuvem de poeirada, esbarregando-se para o talho, um homem de pau, á frente, um homem tangendo, atraz. Inda que martelado de scismares, eu cá a todos tirava o chapeu, e tambem a cruzeiros, nichos de almas e cruzes de homem morto, que abundam nesta estrada, como passageiro que vai em paz e dia bom. O sol subiu no ceu e pôs-se a morder e com a algazarra da primavera não puderam ir mais tempo molhados os olhos da minha cachopa. Taciturna sim, pouco caso fazendo á promessa de lhe comprar na cidade um bom chaile de lã mais um par de ciganas de oiro.

Obra de meia manhã apeámos numa tasca e puxámos do farnel para almoçar. A estalajadeira pôs-se a olhar muito fita para nós, a pontos que eu lhe disse:

—Parece que nunca viu gente!

(*Continúa*)

NO ESTRANGEIRO

NO EGITO

Graves disturbios nas ruas do Cairo após um enterro

As tropas inglesas foram atacadas em Alexandria --- Descargas sobre a multidão Grande numero de mortos

CAIRO, 23.

Continuaram as rixas nesta cidade, depois do funeral do estudante que tinha sido morto nos ultimos tumultos. Forças de lanceiros, sairam dos quarteis e carregaram sobre a multidão, tendo havido grande numero de mortos. As tropas inglezas foram tambem atacadas em Alexandria tendo-se dado várias refregas.

Pelas regiões devastadas de França

O auxilio americano

NEW YORK, 23.

Os creadores de gado americanos vão enviar para serem distribuidos pelas regiões devastadas da França mil cabeças de gado de raça. Já deve ter chegado ao Havre a primeira remessa de oitenta e três bois, avaliada em 25:000 libras.

NO "KING'S,, COLLEGE DE LONDRES

"A teoria da relatividade"

Uma conferencia pelo professor alemão Einstein

LONDRES, 23.

O célebre professor alemão Einstein, um dos maiores fisicos actuais, vem no próximo mez de Junho a esta cidade, fazer uma conferencia sobre a teoria da relatividade no King's College, em Londres.

ALMIRANTE SIMES

A sua chegada a Liverpool

LONDRES, 23.

O almirante Simes e mrs. Simes, chegaram a Liverpool vindos dos Estados Unidos, Ser-lhes há oferecido um «lunch» no Pligrins Club, irá receber o grau na Universidade de Cambridge e visitará a escola naval de Greenwich com o almirante Beatty. Retiram-se de Inglaterra no dia 1 de Junho.

A gréve mineira inglesa

Umareunião secreta

LONDRES, 22.

Houve uma reunião secreta entre o actual presidente e o secretário da Federação Mineira. Espera-se que desta conferencia saiam resoluções que facilitarão a solução do conflito mineiro.—(R.)

EM NEW-YORK

A entrega do grama do radio a madame Curie

WASHINGTON, 22.

O presidente Harding entregou a madame Curie o grama de rádio, que tinha sido adquirido por subscrição entre as mulheres dos Estados Unidos.—(R.)

LENHAS

Cortadas para fogão e postas á porta do comprador

Cêpa, azinho e sobro, secos a **100$00** a tonelada. Pinho a **90$00** a tonelada. Peso garantido.

Rua da Junqueira, 200

Telefone C. 1882

A ALTA SILESIA

Os interesses da França e Inglaterra

O governo alemão prefere os conselhos de Briand—Comentarios da politica francesa á politica da Inglaterra — O que escreveu o sr. Georg Bernhardt

A imprensa francesa não poupa Lloyd George. Posta de lado a falsa cerimonia com que até agora se tratavam, por causa da questão da Alta Silesia, a imprensa francesa fala francamente e defende os interesses da França e de todos os outros aliados, que até agora têm sido relegados a segundo plano para os de Inglaterra passarem adiante.

Os interesses da Inglaterra passaram adiante dos da França e de todos

Georg Bernhardt

os aliados, quando a marinha alemã foi desarmada antes do exercito; foi em proveito da Gran-Bretanha que se suprimiu a marinha mercante alemã para lhe tirar um dos mais poderosos concorrentes.

A Inglaterra, mal habituada, pelas continuas concessões á sua politica, esquece-se de que a França ainda não foi paga, para se lembrar unicamente das suas conveniencias. A França, porêm, não esquece que dela depende o pagamento da divida alemã, não só a ela, mas a todos os outros aliados, e cumprirá as suas obrigações, a despeito dos discursos de Lloyd George, a unica representação que a Inglaterra tem no continente.

A Alemanha desta vez não se deixa levar por vãs esperanças e os seus comentarios aos discursos de Lloyd, são mais favoraveis que os da imprensa francesa, resumem-se nestas palavras que Georg Bernhardt escreveu na «Gazeta de Voss»:

«E' a comissão inter-aliada que tem a obrigação de impedir que nenhum direito seja violado na Alta Silesia.

O sr. Lloyd George não pode aconselhar nada de melhor á Alemanha, do que lançá-la num conflito armado, não só contra a Alta Silesia, mas tambem contra a França?»

UM ESCULTOR

O ruido á volta da grande obra de Rodin

Aos que pretendem dar nomes ás suas esculturas lembra-se que ele se considera escultor e não literato — Interessantes revelações de um amigo do artista

Rodin morreu e, em volta do seu nome e da sua obra aparecem as hipoteses e as discussões que se levantam sempre em volta de tudo que diz respeito aos grandes homens.

Todos querem interpretar a sua obra e dar um nome ás figuras mudas que deixou.

Este «Pensador» só pode ser «O Diabo» —não, é «O Remorso», disse-nos Rodin, ele proprio.—Não é, diz ainda outro, é Dante, mergulhando o olhar no Inferno.

Alguem que foi grande amigo de Rodin seu visinho nas colinas de St. Cloud e do Mont Valerien, a quem o grande escultor dizia o que os grandes homens só dizem aos que julgam capazes de os compreender, uma simples reflexão ácêrca da paisagem que o impressiona: «Grandes lições para um escultor!» acaba de fazer interessantes revelações que aproveitem aos que hoje pretendem dar nome ao que Rodin deu apenas fama.

Gente notavel interrompia frequentemente a solidão do atelier, e todos se julgavam com direito e competencia suficientes, para fazer observações ácêrca das esculturas que iam vendo.

Rodin, com aquela ironia finissima que só os grandes sabem usar e compreender, ia-lhes dando explicações que os encantavam.

Das suas estatuas sem braços, sem pernas dizia-lhes que isso era devido á sua pobreza de outróra que não lhe permitindo as despesas a fazer com os desbastadores, o obrigara a usar aquele marmore de qualidade inferior e quebradiça...

Quando alguem lhe dava um nome para uma estatua, mandava á pressa buscar um lapis e rabiscava em baixo a exclamação do estrangeiro: «A Inocencia!» — «O Diabo»—mas no dia seguinte, se o inspirador orgulhoso de dar nome á obra de Rodin lá voltasse, encontraria o marmore branco de novo.

Rodin não era um literato, era um escultor...

E ligava tanta importancia a nomes como a uma abobora.

"Caminho da Atlantida"

(Uma campanha luzo-brasileira)

—=POR=—

JOÃO DE BARROS

Á VENDA NA

LIVRARIA PROFISSIONAL

Largo do Conde Barão, 49

Imprensa Libanio da Silva

Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.

24, Travessa do Fala Só, 24

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

DE LONDRES

O Papa envia dois milhões de liras para os irlandeses

Uma carta do Sumo Pontifice exortando os ingleses e os irlandeses a procurarem um entendimento amigavel

LONDRES, 23.

O Papa enviou ao cardeal Logue dois milhões de liras, para minorar a miséria da Irlanda. Na carta que acompanhava o donativo, o Papa exorta os inglezes e os irlandezes, a verem calmamente as suas questões e a abandonar a violencia, procurando entender-se amigavelmente. O Papa sugere que a questão irlandeza devia ser discutida por uma corporação eleita por toda a nação irlandeza.

A situação da Austria

A opinião do tecnicos financeiros sobre as propostas austriacas

LONDRES, 22.

Os técnicos financeiros são de opinião que as propostas austriacas não oferecem garantias suficientes para se fazer a essa nação largos emprestimos, e que devem ser acrescentadas com hipotecas sobre a propriedade privada. No momento actual é muito dificil levantar dinheiro sem garantias de primeira ordem.—(R.)

A questão do desarmamento

A boa fé do dr. Wirth

PARIS, 22.

O governo de Berlim aceitou todas as reivindicações da comissão de fiscalização, relativamente ao desarmamento, redução do numero de fábricas que possam fabricar material de guerra, desarmamento das fortalezas do norte e de léste e supressão das secretarias militares especiais, que serviram de refugio a militares disfarçados em civis. Para a maioria destes pontos o Reich deu já as instruções necessárias, a fim de que eles sejam executados antes da expiração do praso, o que não tem agradado aos jornais nacionalistas que atacam violentamente o chanceler Wirth. O dr. Wirth assegurou ao embaixador francez em Berlim a sua formal intenção de deter os transportes de tropas e material para a Alta Silesia. A boa fé do chanceler Wirth não está, por emquanto, em jogo, mas o «Figaro» consigna que as suas ordens parece não serem executadas com a pontualidade necessária. Continuam a concentrar-se bandos armados a norte de Kreuzburgo e de Cosel; os agentes dos caminhos de ferro alemães nada fazem para garantir o reabastecimento da região e para facilitar o regresso a uma vida económica normal. Esperamos que o governo alemão, que parece desejoso de provar a sua boa vontade, se fará obedecer pelos funcionários que continuam a receber o santo e a senha das mãos dos pangermanistas.—(R.)

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

ULTIMAS NOTICIAS

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

Não haverá hoje sessão nos deputados?

Quais são os deputados que se encontram na sala á hora do nosso telefonema

E' natural que não haja sessão. Pelo menos, é o que por aqui se diz, muito embora na sala já se encontrem alguns parlamentares.

A' hora do nosso telefonema estão:

Dos democraticos, os srs. Alfredo de Sousa, Sá Pereira, Vitorino Guimarães, Baltazar Teixeira, Francisco José Pereira, Plinio Silva, Costa Ferreira, Nunes Loureiro, Godinho do Amaral e Tavares Ferreira.

Dos reconstituintes, o sr. Alvaro Guedes.

Dos socialistas, os srs. Campos Melo e Manuel José da Silva, do Porto.

Dos democraticos-dissidentes, os srs. Domingos Cruz, Marques de Azevedo e Vasco Borges.

Dos liberais, os srs. Jorge Nunes e Sampaio Maia.

Dos populares, o sr. Vasco de Vasconcelos.

Dos independentes, os srs. Mesquita de Carvalho, Antonio Mantas e Costa Junior.

Pertencem eles ao numero dos que os menos assiduos cognominaram de «peles de sapo».

A ajuda de custo aos empregados das camaras municipais

Sexta-feira passada, na ocasião em que o Congresso discutia se as camaras municipais deveriam ou não pagar ajuda de custo da vida aos seus empregados, o sr. Manuel José da Silva, do Porto, fez esta observação, que muitos dos presentes acharam judiciosa:

— Não reconheço ao poder legislativo autoridade para impôr uma coisa dessas. Cada um governa em sua casa.

Mas, o sr. João Camoesas foi de opinião diversa:

— Ou come tudo, ou há moralidade.

O sr. Plinio Silva vai renunciar ao lugar de deputado

Sabemos que o deputado democratico sr. Plinio Silva, um dos mais assiduos aos trabalhos da Camara, renunciará ao seu mandato, logo que termine a Conferencia Internacional de Comercio.

Não houve sessão — Seria a ultima da presente legislatura?

A's 15 horas, o sr. Jorge Nunes, depois de ter feito a segunda chamada, declarou não haver numero. Em seguida fechou a sessão, que tinha sido aberta com 30 deputados, anunciando que a próxima será convocada pelo *Diário do Governo*.

Os deputados retiraram-se convencidos de que não voltarão a S. Bento na presente legislatura. Seria a ultima sessão?

Os deputados vão para o Senado?

Alguns deputados tencionam propôr que a sua Camara, a não ser já dissolvida, reuna na sala das sessões do Senado, alternadamente com este, emquanto durar a Conferencia Internacional Parlamentar de Comercio.

go quem são». *Do segundo*: — «Não há jôgo sem parceiros».

Mas o que essas gazetas não dizem é que, se daí a minutos o *primeiro* tem saído para os Passos Perdidos, onde o *segundo* se encontrava, teria havido continuação do dialogo.

APÓS O GOLPE DE ESTADO

O Directorio do Partido Liberal deu ao sr. Tomé de Barros Queiroz completa liberdade de acção para formar gabinete

O filho do indigitado presidente do conselho entrevistado por um nosso redactor tem um sorriso apreensivo sobre o resultado das "démarches" que seu pai está realizando para formar um ministerio

A's 11,30 desce a rua do Mundo o sr. Tomé de Barros Queiroz, acompanhado por seu filho, o tenente sr. Barros Queiroz. Galgamos as escadas da redacção e perseguimos o indigitado presidente do ministerio.

Quando estamos prestes a alcançál-o, moderamos a marcha, compreendendo a inutilidade de abordar s. ex.ª na rua, tanto mais que adivinhamos a sua directriz.

O sr. Tomé de Barros Queiroz dirige-se em passo activo para a *Luta*—e para a luta tremenda de organizar ministerio.

Loreto adiante, o movimento é normal. Soldados e sargentos que passam, da marinha e do exercito, cumprimentam militarmente, o tenente Barros Queiroz.

Na escadaria do nosso colega *A Luta* abordamos seu pae. Sua Ex.ª nada póde dizer. E' cedo, é muito cedo.

Seu filho fica um pouco para traz. Na ancia naturalissima de colher noticias assestamos contra ele as nossas batarias, o mais amavelmente possivel.

O tenente sr. Barros Queiroz, considera-se rendido mas não convencido.

—O que há sobre o governo, sr. tenente?

—Nada, por emquanto.

—Mas dizem que o pai de V. Ex.ª organizará gabinete ainda hoje e que...

—Meu pai esteve ás 5 horas da madrugada em casa do sr. presidente da Republica e vai agora encetar as *démarches* para constituir ministerio.

—Consegui-lo-há?

Num sorriso enigmático, o tenente sr. Barros Queiroz repete a nossa pregunta, despede-se e vai juntar-se a seu pai.

Pouco, nada—para o *repórter*.

Sabemos, no entanto, que o sr. Barros Quiroz tem realizado durante o dia algumas conferencias em sua casa, devendo ainda hoje ficar constituido o ministerio da sua presidencia.

O ilustre deputado liberal sr. dr. Antonio Granjo declara ao "Diario de Lisboa" que tomará parte no governo que se vai organizar, caso seja convidado para isso e que já passou a atmosfera revolucionaria

O sr. dr. Antonio Granjo, imprevistamente abordado pelo jornalista, francamente declarou o que sabia:

—Venho agora da reunião do directorio...

— E, então?

— Resolveu-se por unanimidade dar um voto de confiança ao sr. Barros de Queiroz...

— Já temos ministerio?

— Você anda muito depressa...

— E' composto só por liberais?

— Não deve ser. Demos ao sr. Barros de Queiroz toda a liberdade de acção. Ele fará o que quizer.

— Pode o sr. Barros Queiroz contar com o apoio do partido liberal?

— Absolutamente.

— Entrará V. Ex.ª no novo governo?

—Isso não sei. Porêm, se o sr. Barros de Queiroz fizer qualquer diligencia nesse sentido, encontrar-me-há ineiramente a seu lado.

O sr. Antonio Granjo deteve-se um instante.

Colocámos, então, estas preguntas:

— A constituição do novo ministerio apaziguará os animos? Teremos ainda esta noite a anunciadissima revolução?

— Mas qual revolução?

— Pela disposição das forças militares e pelo que dizem os jornais...

— Isso já passou.

E, pitorescamente: — Em seguida a um terremoto há sempre uns certos abalos sismicos. Ora, como sabe, o terremoto politico já se deu. Agora, assistimos, simplesmente, a pequenos abalos sem importancia, que não vale á pena registar.

O novo ministerio ao que parece, será inteiramente liberal

O general sr. Alberto da Silveira será o futuro ministro da Guerra

A's 16,30, o sr. Tomé de Barros Queiroz reuniu-se na *Luta* com os srs. dr. António Granjo e general Alberto da Silveira.

O sr. Tomé de Barros Queiroz pensa em organizar um ministerio retintamente liberal, colocando nas pastas da guerra e da justiça, respectivamente, os srs. dr. Matos Cid e general Alberto da Silveira.

* * *

A's 15,30, chegava ao Terreiro do Paço uma força de policia, comandada pelo capitão sr. Albuquerque. Segundo nos consta, essa força foi para ali destacada, devido ao boato que se propalou de que ia ser feita uma manifestação hostil ao sr. Tomé de Barros Queiroz, quando este tomasse conta da presidencia do governo.

* * *

A companhia da administração militar da Cova da Moura, que dera o seu apoio ao movimento, não esteve no Matadouro.

* * *

Consta que vêm a caminho de Lisboa algumas unidades militares aquarteladas em Santarem, a fim de garantir a ordem publica e o respeito da Constituição.

* * *

O capitão de fragata sr. Procopio de Freitas enviou de madrugada ao comandante geral da guarda republicana um documento a que se atribue grande importancia e que, segundo consta, visa a estabelecer um entendimento entre a guarda e a marinha de guerra. Foi portador desse documento um alferes da G. N. R.

Tambem esteve durante a noite no quartel do Carmo o tenente sr. Virgilio Costa, que milita no partido popular.

* * *

Não é verdadeiro que o sr. dr. Alvaro de Castro tenha urdido qualquer «complot», a fim de, por um golpe de força, se apoderar do poder.

* * *

O sr. Barros de Queiroz conta não só formar governo com elementos liberais ou liberais-democraticos, mas tomar posse ainda hoje.

* * *

Continua a armada de prevenção rigorosa.

* * *

No Arsenal da Marinha e quartel de marinheiros os portões estão semi-cerrados, não sendo permitida a entrada a pessoas estranhas.

* * *

A residencia do sr. dr. Bernardino Machado está guardada por duas sentinelas de infantaria da G. N. R.

* * *

Ao automovel que faz serviço ao presidente do ministerio demissionário, foi retirada a placa com os dizeres: «Ministerio do Interior».

* * *

O sr. dr. Manuel Alegre conservou-se tambem de madrugada junto das praças acampadas no alto da Ajuda.

Nota oficiosa

Sendo natural que numa reportagem realizada em circunstancias anormais se tenham publicado noticias menos exactas que, no entanto, chegaram a excitar a opinião publica e enervou os mais timoratos.

O Ministro da Marinha, no intuito de desvanecer os seus alarmantes efitos, declara serem completamente destituidos de fundamento as noticias relativas ao armamento, no Arsenal da Marinha, de quaisquer grupos civis e de que o quartel de marinheiros se tivesse mantido solidário com as forças anti-governamentais.

* * *

A's 16 horas indicavam-se como ministeriaveis os seguintes nomes: Barros Queiroz, presidencia e finanças; Melo Barreto, estrangeiros; Jorge Nunes, agricultura; Matos Cid, justiça; José Ferreira da Silva, comercio; general Silveira, guerra.

O sr. Antonio Fonseca, convidado para continuar a gerir a sua pasta recusou terminantemente.

Os novos funcionarios da policia

Na impossibilidade de não poderem ainda tomar, oficialmente, posse dos lugares para que foram nomeados no Comissariado Geral da Policia os srs. capitão Guerra Quaresma e tenente Roby, realisou-se hoje, no gabinete do sr. comissario geral, a cerimonia da apresentação dos novos funcionarios ao restante pessoal superior do governo civil.

Estavam presentes os srs. capitães Rodrigues, Ferreira, Edgar Cardoso, tenente Graça, dr. Reis Junior, director da investigação, chefes das quatro secções da judiciaria e da policia administrativa, tendo a posse sido conferida pelo tenente-coronel sr. Domingos Patacho.

* * *

Todas as repartições publicas instaladas na Arcada funcionaram hoje normalmente, comparecendo os funcionários, embora pouco tivessem a fazer, visto estarem, por assim dizer, quási paralisados os negócios do Estado. A entrada era livre em todos os ministerios, sendo o serviço de segurança apenas desempenhado pela infantaria da guarda republicana, como é costume, circulando em volta do Terreiro do Paço e suas imediações algumas patrulhas de cavalaria da guarda republicana, destacadas de um esquadrão que estacionava naquela praça. Diminuiu tambem o numero de revolucionários civis nos ministerios do interior e da instrução, fazendo-se diversos preparativos nas secretarias ministeriais para serem recebidos os membros do novo governo. Embora os acontecimentos politicos fôssem o tema obrigado de todas as conversas, havia, em geral, relativa serenidade.